

№ 44 (1)

CAMÕES

Publicação especial do Gremio Litterario Fayalense
para commemorar o tricentenario do grande epico portuguez.



Numero unico.

FAYAL.

10 de Junho de 1880.

LUSIADAS.

As armas, e os Barões assinalados,
Que da occidental praia Lusitana
Por mares nunca de antes navegados
Passaram ainda além da Taprobana;
Em perigos, e guerras esforçados,
Mais do que prometia a força humana;
E entre gente remota edificaram
Novo reino, que tanto sublimaram:

E tambem as memorias gloriosas
Daquelles Reis, que foram dilatando
A Fé, o imperio; e as terras viciosas
De Africa, e de Asia andaram devastando
E aquelles, que por obras valerosas
Se vão da lei da morte libertando;
Cantando espalharei por toda a parte,
Se a tanto me ajudar o engenho, e arte.

Cessem do sabio Grego, e do Troiano,
As navegações grandes que fizeram;
Calle-se de Alexandro, e de Trajano
A fama das victorias, que tiveram:
Que eu canto o peito illustre Lusitano,
A quem Neptuno, e Marte obedeceram:
Cesse tudo o que a Musa antiqua canta;
Que outro valor mais alto se alevanta.

As embarcações eram na maneira
Mui veloces, estreitas, e compridas:
As velas, com que vem, eram de esteira
D'humas folhas de palma bem tecidas:
A gente da cor era verdadeira,
Que Phaeton nas terras accendidas
Ao mundo deo, de ousado, e não prudente:
O Pado o sabe, e Lampetusa o sente.

De pannos de algodão vinham vestidos,
De varias cores, brancos, e listrados;
Huns trazem derredor de si cingidos,
Outros em modo airoso sobraçados:
Das cintas para cima vem despidos:
Por armas tem adargas, e terçados,
Com toucas na cabeça; e navegando,
Anafis sonorosos vão tocando.

Co'os pannos, e co'os braços acenavam
A's gentes Lusitanas, que esperassem:
Mas já as proas ligeiras se inclinavam
Para que junto ás ilhas amainassem:
A gente, e marinheiros trabalhavam,
Como se aqui os trabalhos s'acabassem:
Tomam velas, amaina-se a verga alta,
Da ancora o mar ferido, em cima salta.

A lei tenho daquelle, a cujo imperio
Obedece o visibil, e invisibil:
Aquelle, que creou todo o hemispherio,
Tudo o que sente, e todo o insensibil:
Que padeceo deshonra, e vituperio,
Soffrendo morte injusta, e insoffribil;
E que do Ceo á terra em fim desceo.
Por subir os mortaes da terra ao Ceo.

Andam pela ribeira alva arenosa,
Os bellicosos Mouros acenando
Com a adarga, e co'a hastea perigosa
Os fortes Portuguezes incitando.
Não soffre muito a gente generosa
Andar-lhe os cães os dentes amostrando:
Qualquer, em terra salta, tão ligeiro,
Que nenhum dizer pôde, que he primeiro.

Qual no corro sanguino o ledó amante,
Vendo a formosa dama desejada;
O touro busca, e pondo-se diante,
Salta, corre, sibila, acena, e brada:
Mas o animal atroz nesse instante,
Com a fronte cornigera inclinada,
Bramando duro corre, e os olhos cerra,
Derriba, fere, e mata, e põe por terra:

Eis nos bateis o fogo se alevanta
Na furiosa, e dura artilheria;
A plumbea pella mata, o brado espanta,
Ferido o ar retumba, e assovia:
O coração dos Mouros se quebranta:
O temor grande o sangue lhe resfria:
Já foge o escondido de medroso,
E morre o descoberto aventureiro.

No mar tanta tormenta, e tanto damno,
Tantas vezes a morte apercebida !
Na terra tanta guerra, tanto engano,
Tanta necessidade aborrecida !
Onde pode acolher-se hum fraco humano,
Onde terá segura a curta vida ?
Que não se arme, e se indigne o Ceo sereno
Contra um bicho da terra tão pequeno ?

(Canto I.)

Assi como em selvatica alagoa
As rãas, no tempo antiguo Lycia gente,
Se sentem por ventura vir pessoa,
Estando fora da agua incautamente:
Daqui e dalli saltando, o charco soa,
Por fugir do perigo que se sente;
E acolhendo-se ao couto, que conhecem,
Sós as cabeças na agua lhe apparecem:

Assi fogem os Monros;

Como hia affrontada do caminho,
Tão formosa no gesto se mostrava,
Que as estrellas, e o ceo, e o ar visinho,
E tudo, quanto a via, namorava.
Dos olhos, onde faz seu filho o ninho,
Huns espiritos vivos inspirava,
Com que os polos gelados accendia,
E tornava do fogo a esphera fria.

Os crespos fios d'ouro se esparziam
Pelo collo, que a neve escurecia:
Andando, as lacteas tetas lhe tremiam.
Com quem Amor brincava, e não se via:
Da alva petrina flamma lhe sahiam,
Onde o Menino as almas accendia;
Pelas lisas columnas lhe trepavam
Desejos, que como hera se enrolavam.

(Canto II.)

Estavas linda Ignez, posta em socego,
De teus annos colhendo doce fruto,
Naquelle engano da alma, ledo e cego,
Que a fortuna não deixa durar muito;
Nos sandosos campos do Mondego.
De teus formosos olhos nunca exuito,
Aos montes ensinando, e ás hervinhas
O nome, que no peito escripto tinhas.

Do teu Principe alli te respondiam
As lembranças, que na alma lhe moravam,
Que sempre ante seus olhos te traziam,
Quando dos teus formosos se apartavam;
De noite em doces sonhos, que mentiam,
De dia em pensamentos, que voavam:
E quanto em fim cuidava, e quanto via,
Eram tudo memorias de alegria.

Traziam-na os horificos algozes
Ante o Rei, já movido á piedade;
Mas o povo com falsas, e ferozes
Razões á morte crua o persuade.
Ella com tristes, e piedosas vozes,
Salidas só da magoa, e saudade
Do seu Principe, e filhos que deixava,
Que, mais que a propria morte, a magoava:

Para o céo crystalino alevantando
Com lagrimas os olhos piedosos;
Os olhos, porque asmãos lhe estava atando
Hum dos duros ministros rigorosos:
E despóis nos meninos attentando,
Que tão queridos tinha, e tão mimosos,
Cuja orphandade como mãe temia,
Para o avô cruel assi dizia:

Faes contra Ignez os brutos matadores
No collo de alabastro, que sostinha
As obras, com que amor malou de amores
Aquelle, que depois a fez Rainha,
As espadas banhando, e as brancas flores,
Que ella dos olhos seus regadas tinha,
Se encarniçavam, férvidos e irosos
No futuro castigo não cuidados.

Bem puderas, oh Sol, da vista destes
Teus raios apartar aquelle dia,
Como da seva mesa de Thyestes,
Quando os filhos por mão de Atreo comia !
Vós, oh concavos valles, que pudestes
A voz extrema ouvir da boca fria,
O nome do seu Pedro, que lhe ouvistes,
Por muito grande espaço repetistes !

Assi como a bonina, que cortada
Antes do tempo foi, candida e bella,
Sendo das mãos lascivas maltratada
Da menina, que a trouxe na capella,
O cheiro traz perdido, e a cor murchada:
Tal está morta a pallida donzella,
Seccas do rosto as rosas, e perdida
A branca e viva cor, co'a doce vida.

As filhas do Mondego a morte escura
 Longo tempo chorando memoraram;
 E, por memoria eterna, em fonte pura
 As lagrimas choradas transformaram:
 O nome lhe puzeram, que inda dura,
 Dos amores de Ignez, que alli passaram.
 Vede que fresca fonte rega as flores,
 Que lagrimas são a agua, e o nome amores!

(Canto III)

Como, de gente illustre Portugueza
 Ha de haver quemrefuse o Patrio Marte?
 Como, desta provincia, que princeza
 Foi das gentes na guerra em toda parte,
 Ha de sahir quem negue ter defeza,
 Quem negue a fé, o amor, o esforço e arte
 De Portuguez, e por nenhum respeito
 O proprio reino queira ver sujeito?

Como? Não sois vós inda os descendentes
 Daquelles, que debaixo da bandeira
 Do grande Henriques, feros e valentes
 Venceram esta gente tão guerreira?
 Quando tantas bandeiras, tantas gentes,
 Puzeram em fugida, de maneira
 Que sete illustres Condes lhe trouxeram
 Presos, afora a presa que tiveram?

Com quem foram contino sopeados
 Estes, de quem o estais agora vós,
 Por Diniz, e seu filho, sublimados,
 Senão co'os vossos fortes pais, e avós?
 Pois se com seus descuidos, ou peccados,
 Fernando em tal fraqueza assi vos poz,
 Torne-vos vossas forças o Rei novo:
 Se he certo que co'o Rei se muda o povo.

Rei tendes tal, que se o valor tiverdes
 Igual ao Rei, que agora alevantastes,
 Desbaratareis tudo o que quizerdes,
 Quanto mais a quem já desbaratastes:
 E se com isto em fim vos não moverdes
 Do penetrante medo, que tomastes,
 Atai as mãos a vosso vão receio,
 Que eu só resistirei ao jugo alheio.

Eu só com meus vassallos, e com esta
 (E dizendo isto arranca meia espada)
 Defenderei da força dura, e infesta
 A terra nunca de outrem subjugada:
 Em virtude do Rei, da patria mesta,
 Da lealdade já por vós negada,
 Vencerei, não só estes adversarios,
 Mas quantos a meu Rei forem contrarios,

Estavam pelos muros temerosas,
 E de hum alegre medo quasi frias,
 Resando as mãis, irmãs, damas, e esposas
 Promettendo jejuns, e romarias.
 Já chegam as esquadras bellicosas,
 Defronte das imigas companhias,
 Que com grita grandissima os recebem,
 E todas grande duvida concebem.

Respondem as trombetas mensageiras,
 Pifaros sibilantes, e atambores;
 Alferezes volteam as bandeiras,
 Que variadas são de muitas cores.
 Era no secco tempo, que nas eiras
 Ceres o fructo deixa aos lavradores;
 Entra em Astrea o Sol, no mez de Agosto,
 Baccho das uvas tira o doce mosto.

Deo signal a trombeta Castellhana
 Horrendo, fero, ingente, e temeroso:
 Ouvio-o o monte Artabro, e Guadiana
 Atraz tornou as ondas de medroso;
 Ouvio-o o Douro, e a terra Transtagana;
 Correo ao mar o Tejo duvidoso:
 E as mãis, que o som terribil escutaram,
 Aos peitos os filhinhos apertaram.

Quantos rostos ali se vêm sem cor,
 Que ao coração acode o sangue amigo;
 Que nos perigos grandes o temor
 He maior muitas vezes que o perigo:
 E se o não he, parece-o; que o furor
 De offender, ou vencer o duro imigo,
 Faz não sentir que he perda grande e rara,
 Dos membros corporaes, da vida chara.

Começa-se a travar a incerta guerra;
 De ambas partes se move a primeira ala;
 Huns leva a defensão da propria terra,
 Outros as esperanças de ganhál-a:
 Logo o grande Pereira, em quem se encerra
 Todo o valor, primeiro se assignala:
 Derriba, e encontra, e a terra em fim semea
 Dos que a tanto desejam, sendo alhea.

Já pelo espesso ar os estridentes
 Farpões, settas, e varios tiros voam:
 Debaixo dos pés duros dos ardentes
 Cavallos treme a terra, os valles soam:
 Espedaçam-se as lanças: e as frequentes
 Quedas co'as duras armas tudo atroam:
 Recrescem os imigos sobre a pouca
 Gente do fero Nuno, que os apouca.

Não eram os traquetes bem tomados,
Quando dá a grande, e subita procella:
Amaina disse o mestre a grandes brados,
Amaina, disse, amaina a grande véla.
Não esperam os ventos indignados
Que amainassem: mas juntos dando nella,
Em pedaços a fazem c'hum ruido,
Que o mundo pareceo ser destruido.

O ceo fere com gritos nisto a gente,
Com subito temor, e desacordo,
Que, no romper da véla, a náó pendente
Toma grão somma d'agua pelo bordo;
Alija, disse o mestre rijamente,
Alija tudo ao mar, não falte accordo;
Vão outros dar á bomba, não cessando;
Á bomba, que nos imos alagando.

Correm logo os soldados animosos
A dar á bomba, e tanto que chegaram,
Os balanços, que os mares temerosos
Deram á náó, n'um bordo os derribaram;
Tres marinheiros duros, e forçosos,
A mancar o leme não bastaram,
Talhas lhe punham d'hum e d'outra parte,
Sem aproveitar de homens força, e arte.

Os ventos eram taes, que não puderam
Mostrar mais força d'impeto cruel,
Se para derribar então vieram
A fortissima torre de Babel;
Nos altissimos mares, que cresceram,
A pequena grandura d'hum batel
Mostra a possante náó, que move espanto,
Vendo que se sostem nas ondas tanto.

A náó grande, em que vai Paulo da Gama,
Quebrado leva o mastro pelo meio,
Quasi toda alagada: a gente chama
Aquelle que a salvar o mundo veio.
Não menos gritos vão ao ar derrama
Toda a náó de Coelho, com receio,
Com quanto teve o mestre tanto tento,
Que primeiro amainou, que desse o vento.

Agora sobre as nuvens os subiam
As ondas de Neptuno furibundo:
Agora a ver parece que desciam
As intimas entranhas do profundo.
Noto, Austro, Boreas, Aquilo queriam
Arruinar a machina do mundo:
A noite negra, e fêa se allumia
Co'os raios, em que o polo todo ardia.

As Halcyoneas aves triste canto
Junto da costa brava alevantaram,
Lembrando-se do seu passado pranto,
Que as furiosas aguas lhe causaram.
Os delphins namorados entretanto
Lá nas covas maritimas se entraram.
Fugindo á tempestade, e ventos duros,
Que nem no fundo os deixa estar seguros.

Quantos montes então que derribaram
As ondas, que batiam denodadas!
Quantas arvores velhas arrancaram
Do vento bravo as furias indignadas!
As forçosas raizes não cuidaram
Que nunca para o ceo fossem viradas;
Nem as fundas areas, que pudessem
Tanto os mares, que em cima as revolvessem.

Assi dizendo, os ventos que luctavam,
Como touros indomitos bramando,
Mais e mais a tormenta acrescentavam,
Pela miuda enxarcia assoviando:
Relampagos medonhos não cessavam,
Feros trovões, que vem representando
Calir o céo dos eixos sobre a terra,
Comsigo os elementos terem guerra.

Mas já a amorosa estrella scintilava
Diante do Sol claro no horizonte,
Mensageira do dia, e visitava
A terra, e o largo mar com leda fronte:
A deosa que nos ceos a governava,
De quem foge o ensifero Oriente,
Tanto que o mar, e a chara armada vira,
Tocada junto foi de medo, e de ira.

Por meio destes horridos perigos,
Destes trabalhos graves, e temores,
A alcançam os que são de fama amigos,
As honras immortaes, e graos maiores:
Não encostados sempre nos antigos
Troncos nobres de seus antecessores;
Não nos leitos dourados, entre os finos
Animas de Moscovia zebellinos.

Não co'os manjares novos, e exquisitos,
Não co'os passéos molles e ociosos,
Não co'os varios deleites e infinitos,
Que affeminam os peitos generosos;
Não co'os nunca vencidos appetitos,
Que a fortuna tem sempre tão mimosos,
Que não soffre a nenhum, que o passo mude
Para algúa obra heroica de virtude:

Mas com buscar co'o seu forçoso braço
As honras, que elle chame proprias suas,
Vigiando, e vestindo o forjado aço,
Soffrendo tempestades, e ondas cruas:
Vencendo os torpes frios no regaço
Do Sul, e regiões de abrigo nuas,
Engolindo o corrupto mantimento,
Temperado e hum arduo soffrimento:

E com forçar o rosto, que se enfia,
A parecer seguro, ledó, inteíro,
Para o pelouro ardente, que assovia,
E leva a perna ou braço ao companheiro.
Desta arte, o peito hum callo honroso cria,
Desprezador das honras, e dinheiro,
Das horas, e dinheiro, que a ventura
Forjou, e não virtude justa, e dura.

Esta arte se esclarece o entendimento,
Que experiencias fazem repousado;
E fica vendo, como de alto assento,
O baixo trato humano embaraçado:
Este, onde tiver força o regimento
Direito, e não de affeitos occupado,
Subirá (como deve) a illustre mando
Contra vontade sua, e não rogando.

(Canto 17)

Tres formosos outeiros se mostravam
Erguidos com soberba graciosa,
Que de gramineo esmalte se adornavam,
Na formosa ilha alegre, e delectosa:
Claras fontes, e limpidas manavam
Do cume, que a verdura tem viçosa;
Por entre pedras alvas se deriva
A sonora lympha fugitiva.

Nhum valle ameno, que os outeiros fende
Vinham as claras aguas ajuntar-se,
Onde huma meza fazem, que se estende
Tão bella, quanto pode imaginar-se:
Arvoredo gentil sobre ella pende,
Como que prompto está para affeitar-se,
Vendo-se no crystal resplandecente,
Que em si o está pintando propriamente.

Mil arvores estão ao ceo subindo
Com pomos adoríferos e bellos:
A lanjeira tem no fructo lindo
A cór, que tinha Daphne nos cabellos;
Encosta-se no chão, que está cahindo,
A cidreira co'os pesos amarellós
Os formosos limões alli cheirando,
Estão virgineas tetas imitando.

Ao longo da agua o niveo cysne canta,
Responde-lhe do ramo philomela:
Da sombra de seus cornos não se espanta
Acteon n'agua chrystalina e bella:
Aqui a fugace lebre se alevanta
Da espessa mata, ou timida gazella;
Alli no bico traz ao charo ninho
O mantimento o leve passarinho.

E ponde na cobiça hum freio duro,
E na ambição tambem, que indignamente
Tomais mil vezes, e no torpe e escuro
Vicio da tyrannia infame, e urgente:
Porque essas honras vãs, esse ouro puro
Verdadeiro valor não dão á gente:
Melhor he merecel-os, sem os ter,
Que possuil-os, sem os merecer.

(Canto IX)

No mais, Musa, no mais; que a lyra tenho
Destemperada, e a voz enrouquecida;
E não do canto, mas de ver que venho
Cantar a gente surda, e endurecida.
O favor, com que mais se accende o engenho
Não no dá a patria, não; que está mettida
No gosto da cubiça, e na rudeza
D'huma austera, apagada, e vil tristeza.

E não sei porque influxo de destino
Não tem hum ledó orgulho, e geral gosto,
Que os animos levanta de contino,
A ter para trabalhos ledó o rosto.
Por isso vós, oh Rei, que por divino
Conselho estais no regio solio posto,
Olhai que sois (e vede as outras gentes)
Senhor só de vassallos excellentes!

Olhai, que ledos vão por varias vias,
Quaes rompentes leões, e bravos touros,
Dando os corpos a fomes, e vigias,
A ferro, a fogo, a settas e pelouros:
A quentes regiões, a plagas frias,
A golpes de Idolátras, e de Mouros,
A perigos incognitos do mundo,
A naufragios, a peixes, ao profundo:

Por vos servir a tudo aparelhados,
De vós tão longe sempre obedientes;
A quaesquer vossos asperos mandados,
Sem dar resposta, promptos e contentes:
Só com saber que são de vós olhados,
Demonios infernaes, negros, e ardentes
Commetterão comvosco, e não duvido
Que vencedor vos façam, não vencido.

Mas, eu que fallo humilde, baixo e rudo,
De vós não conhecido, nem sonhado,
Da bocca dos pequenos sei comtudo,
Que o louvor sahe ás vezes acabado:
Nem me falta na vida honesto estudo,
Com longa experiencia misturado,
Nem engenho, que aqui vereis presente,
Cousas, que juntas se acham raramente.

Para servir-vos, braço ás armas feito;
Para cantar-vos, mente ás Musas dada,
Só me fallece ser a vós acceito,
De quem virtude de ser prezada.

(Canto X)

EPISTOLAS

QUEM póde ser no mundo tam quieto,
Ou quem terá tam livre o pensamento,
Quem tam experimentado, & tam discreto
Tam fóra emfim de humano entendimento,
Que ou com publico effeito, ou com secreto,
Lhe nam resolva & espante o sentimento,
Deixando-lhe o juizo quasi incerto,
Ver, & notar do mundo o desconcerto?

Quem ha, que veja aquelle, que vivia
De latrocinios, mortes, & adulterios,
Que ao juizo das gentes merecia
Perpetua pena, immensos vituperios:
Se a Fortuna em contrario o leva, & guia,
Mostrando em fim, que tudo são mysterios,
Em alteza de estados triumphante,
Que por livre que seja, nam se espante?

Quem ha, que veja, aquelle que tam clara
Teve a vida, que em tudo por perfeito,
O proprio Momo ás gentes o julgára,
Ainda que lhe vira aberto o peito?
Se a má Fortuna, ao bem sómente avára,
O deprime, & lhe nega seu direito,
Que lhe nam fique o peito congelado,
Por mais, & mais que seja experimentado?

Deixo agora Reys grandes, cujo estudo,
Hé faltar esta sedé cubicosa
De querer dominar, & mandar tudo,
Com fama larga, & pompa suntuosa:
Deixo aquelles, que tomãõ por escudo
De seus vicios, & vida vergonhosa,
A nobresa de seus antecessores,
E nam cuidãõ de si, que são peores.

Deixo aquelles, a quem o sono esperta
O grão favor do Rey, que serve & adora,

Que se mantem desta aura falsa & incerta,
Que de corações tantos he senhora:
Deixo aquelles, que estão co'a boca aberta
Por se encher de thesouros d'hora, em hora
Doentes desta falsa hidropesia,
Que quanto mais alcança, mais quera.

Quem tam baixa tivesse, a fantasia,
Que nunca em móres cousas a metesse,
Que em só levar seu gado á fonte fria,
E mugir-lhe do leite, que bebesse!
Quão bem aventurado que seria,
Que por mais que Fortuna revolvesse,
Nunca em si sentiria mayor pena,
Que pesar-lhe da vida ser pequena.

Veria erguer do Sol a roxa face,
Veria correr sempre a clara fonte,
Sem imaginar a agoa donde nasce,
Nem quem a luz esconde no Horizonte;
Tangendo a frauta donde o gado paze,
Conheceria as ervas do alto monte,
Em Deos creeria simplez & quiéto,
Sem mais especular nenhum secreto.

Iguaes somos, Senhor; na natureza,
Assi entramos na vida, assi salimos,
O entendimento he nossa fortaleza.

Igualmente de hum só principio vimos,
Igualmente a hum fim todos corremos,
E hua estrada commum igual seguimos.

Na terra a morte, a vida nos Ceos temos:
Quanto esta terra mais que os Ceos olhamos
Tanto caminho do bom fim perdemos.

Ditosos são os tristes, quando morrem
No começo dos annos, que não sentem,
Quão vagorosas as tristezas correm.

SONETOS

Alma minha gentil, que te partiste
Tão cedo desta vida descontente;
Repousa lá no Ceo eternamente
E viva eu cá na terra sempre triste.

Se lá no assento Ethereo, onde subiste,
Memoria desta vida se consente,
Não te esqueças de aquelle amor ardente,
Que já nos olhos meus tão puro viste.

Se se vires que póde merecer-te
Alguã cousa a dor, que me ficou
Da magoa, sem remedio de perder-te;

Roga a Deus que teus annos encurtou,
Que tão cedo de cá me leve a ver-te,
Quão cedo de meus olhos te levou.

Ó Cysne quando sente ser chegada
A hora que pôe termo á sua vida,
Harmonia maior, com voz sentida,
Levanta por a praia inhabitada.

Deseja lograr vida prolongada,
E della está chorando a despedida:
Com grande saudade da partida,
Celebra o triste fim desta jornada:

Assi, senhora minha, quando eu via
O triste fim que davam meus amores,
Estando posto já no extremo fio;

Com mais suave accento de harmonia
Descantei por os vossos desfavores
La vuestra falsa fe, y el amor mio.

Hum mover d'olhos, brando, e piedoso,
Sem ver de que; hum riso brando e honesto
Quasi forçado; hum doce e humilde gesto
De qualquer alegria duvidoso;

Hum despejo quieto, e vergonhoso;
Hum repouso gravissimo e modesto;
Huma pura bondade, manifesto
Indicio da alma, limpo e gracioso:

Hum encolhido ousar; huma brandura,
Hum medo sem ter culpa; hum ar sereno;
Hum longo e obediente, soffrimento;

Esta foi a celeste formosura
Da minha Circe e o magico veneno
Que pôde transformar meu pensamento.

Sete annos de Pastor Jacob servia
Labão, pai de Rachel, serrana bella,
Mas não servia ao pai, servia a ella,
Que a ella só por premio pertendia.

Os dias na esperança, de hum só dia
Passava, contentando-se com vella:
Porem o pai, usando de cautella,
Em lugar de Rachel lhe deo a Lia.

Vendo o triste pastor que com enganoso
Assim lhe era negada a sua Pastora,
Como se a não tivera merecida;

Começou a servir outros sete annos,
Disendo: Mais servira, se não fôra
Para tão longo amor tão curta a vida.

Óitoso seja aquelle que somente
Se queixa de amorosas esquivanças,
Pois por ellas não perde as esperanças
De poder n'algun tempo ser contente.

Óitoso seja quem estando auzente
Não sente mais do que a pena das lembranças
Porqu'inda que se tema de mudanças,
Menos se teme a dor quando se sente.

Óitoso seja em fim, qualquer estado
Onde enganoso, despresos, e isenção,
Trasem um coração atormentado,

Mas triste quem se sente magoado
De erros em que não pode haver perdão
Sem ficar na alma a mágoa do peccado.

ODE XII

Já a calma nos deixou
Sem flores as ribeiras deleitosas;
Ja de todo seccou
Candidos lirios, rubicundas rosas:
Fogem do grave ardor os passarinhos
Para o sombrio amparo de seus ninhos.

Menea os altos freixos

A branda viração de quando em quando
E de entre varios seixos
O liquido crystal sahe murmurando;
As gotas, que das alvas pedras saltam,
O prado, como pérolas, esmaltam.

Da caça já cansada

Busca a casta Titanica a espessura;
Onde á sombra inclinada
Logre o doce repouso da verdura:
E sobre o seu cabello ondado, e louro,
Deixe cahir o bosque o seu thesouro.

O ceo desimpedido

Mostrava o lume eterno das estrellas;
E de flores vestido
O campo, brancas, roxas, e amarellas,
Alegre o bosque tinha, alegre o monte,
O prado, o arvoredor, o rio, a fonte.

RIMAS

Hum gosto, que hoje se alcança;
A' menhan já o nam vejo,
Assi nos traz a mudança
De esperança em esperança
E de desejo em desejo:
Mas em vida tam escassa,
Que esperança sera forte?
Fraqüeza de humana sorte,
Que quanto da vida passa,
Esta' recitando a morte.

Mas deixar nesta espessura
O canto da mocidade,
Nam cuide a gente futura
Que sera obra da idade,
O que he força da ventura.
Que idade, tempo, & espanto
De ver quão ligeiro passe,
Nunqua em mi pudérao tanto,
Que posto que deixo o canto,
A causa delle deixasse.

Canta o caminhante lêdo,
No caminho trabalhoso,
Por entre o espesso arvoredor,
E de noite temeroso
Cantando refrea o medo,
Canta o prezo docemente,
Os duros grillhões tocando;
Canta o segador contente;
E o trabalhador cantando,
O trabalho menos sente.